Mito, Dominação e Trabalho na Dialética do Esclarecimento

Patrick Oliveira Costa

Adorno e Horkheimer, na *Dialética do Esclarecimento*, desenvolvem uma reflexão fundamental sobre vários aspectos de nossa sociedade e sua história, em especial sobre a transformação da razão emancipadora em racionalidade instrumental, o que, num primeiro momento, pode conferir sentido ao título desta obra.

O que os autores detectam nessa reflexão, a partir da história de nossa sociedade e do pensamento ocidental, é a transformação da razão em um instrumento a serviço da ordem existente, ordem do capital, que imprime violência aos homens na medida em que lhes extingue a consciência. É curioso, pois o objetivo inicial do esclarecimento, da razão, era totalmente outro: libertar os homens por meio do saber.

No entanto, essa razão é utilizada como um instrumento que possui a função de criar novos instrumentos, novas formas de manutenção da ordem existente – a ordem da dominação. É usada tanto para o fabrico de ferramentas no sentido literal do termo, para a exploração visível e física dos indivíduos nas fábricas, quanto para a parturição da enxurrada de diversões assépticas que idiotiza as pessoas – o mais claro sintoma da regressão que ela sofreu, se é que um dia chegou a progredir na direção de seu impulso inicial, como veremos adiante.

Adorno e Horkheimer desenvolvem sua reflexão a partir do presente, no qual a razão já se autodissolveu e a Terra entrou em um estado crítico de barbárie: o momento da Segunda Guerra Mundial[1] Esse presente vivido por eles, essa época terrível, os levou à reflexão sobre o esclarecimento e a uma conclusão, que já podemos, em parte, adiantar: já é bastante antigo, ou melhor, arcaico, esse mover-se dialético do pensar.

De um modo geral, pode-se caracterizar a *dialética do esclarecimento* como um mover-se do pensamento (genuinamente ocidental) na direção daquilo que nega os mitos, que se faz sob a tentativa de destruição destes, o que culmina num retorno ainda mais violento àquilo que se negou. É uma *dialética*, porque, em um dos seus aspectos, deveria livrar os homens da barbárie, mas, ao contrário deste impulso inicial, recai inevitavelmente nela: é como se o destino mítico, que com o

esclarecimento se tentou aniquilar, exercesse seu poder punitivo com ainda mais potência, agindo como a instância que nunca foi realmente destruída.

Nesta perspectiva é que se pensa a dialética do esclarecimento na *Odisséia* de Homero (especificamente no duodécimo canto, o do encontro de Ulisses com as sereias) enquanto um dos mais precoces e representativos testemunhos da civilização ocidental, a chamada proto-história da subjetividade, jornada que a humanidade precisou efetuar para a passagem da natureza à cultura, da submissão ao domínio da natureza. Uma das marcas mais importantes que Adorno e Horkheimer nos indicam para a compreensão do esclarecimento é a idéia de dominação da natureza: o esclarecimento, em um momento inicial, surge como a necessidade que os homens possuem de se livrar do domínio do natural – a libertação dos homens através da dominação da natureza é o objetivo do esclarecimento, desde as suas configurações mais primitivas.

Em todo ritual mágico, por exemplo, há uma representação dos acontecimentos (o que já aponta para o conceito) bem como do processo a ser influenciado pela magia: acreditava-se que, através da imitação, poder-se-ia influenciar a natureza. Mas o esclarecimento quer uma natureza desencantada, apenas quantificada, isenta de qualidades, na direção de algo que se calcula. Como dizem os autores, "o que os homens querem aprender da natureza é como empregá-la para dominar completamente a ela e aos homens" (ADORNO, HORKHEIMER. 1985, p. 22).

Esclarece Rodrigo Duarte: "aqui destaca-se a tese de que os mitos, à medida em que apresentem tentativas de esclarecer o mundo aos primitivos habitantes da terra, exercitam já um pouco de esclarecimento" (DUARTE, 1993, p. 59). É esse esclarecimento, que nega violentamente os mitos *e que, ao fazê-lo, nega a si mesmo reproduzindo a barbárie que outrora tentara ocultar.*

O mito pretendia relatar, denominar, dizer a origem, mas também expor, fixar e explicar. A partir da coleção dos mitos e de seu registro, essa tendência adquiriu um reforço, deixando o estado de mero relato para a entrada no sentido de uma doutrina. O que era tradição oral agora passa a ser escrita, o que facilita essa tendência. Um dos motivos que leva os autores a retomar Homero na explicação da dialética do esclarecimento é a sua atitude com relação aos mitos: o espírito homérico, a partir do momento em que organiza as narrativas dispersas da tradição popular, entra em contradição com eles. Segundo os autores,

> "cantar a ira de Aquiles e as aventuras de Ulisses já é uma estilização nostálgica daquilo que já não se deixa mais cantar, e o herói das aventuras revela-se precisamente como um protótipo do indivíduo burguês, cujo conceito tem origem naquela afirmação unitária que encontra seu modelo mais antigo no herói errante." (ADORNO, HORKHEIMER, p. 53)

Segundo os autores, na epopéia homérica é, metaforicamente, descrita a jornada de construção da subjetividade a partir da negação de tudo o que é mítico. Essa construção é realizada sob a pena de mutilar a individualidade daquele que se propõe a realizá-la, pois o princípio do esclarecimento é o da autoconservação, e o seu horror mítico tem por objetivo o mito. O esclarecimento descobre os mitos não só em conceitos e palavras que se apresentem sob o signo da obscuridade, mas "em toda manifestação humana que não se situe no quadro teleológico da autoconservação" (Ibidem, p. 41). O eu, a idéia de sujeito, constituiu, "sublimado num sujeito transcendental ou lógico" (Idem.), o referencial da razão, a sua instância legisladora.

De acordo com as palavras de Márcia Tiburi,

> "(...) o impulso à auto-conservação nasce do medo mítico de perder o próprio eu, do medo da morte, da destruição, presentes tanto no tempo mítico quanto no tempo ilustrado. O eu ameaçado no esclarecimento se recolhe em si, tornando-se valor máximo para si mesmo; tudo o que é outro representa o ameaçador e precisa ser eliminado."

Segundo Adorno e Horkheimer, quem se abandona à vida sem relação racional com a autoconservação realiza um retorno à pré-história; "o instinto enquanto tal seria tão mítico quanto a superstição; servir a um Deus não postulado pelo eu, tão insano quanto o alcoolismo." (Ibidem, p. 41). O sujeito é o ponto de referência na idéia de autoconservação. Por isso, como afirmam os autores, o progresso iluminista, com sua irrefreável violência, reservou o mesmo destino para a adoração e para a queda do ser imediato: a maldição, a mesma maldição que recai sobre aquele que, esquecido de si, se abandona tanto ao pensamento quanto ao prazer, o que representa, em última instância, o medo da dissolução do eu constituído

historicamente através da violência e a efetivação desse processo no não-respeito à regra da coisificação do humano.

No entanto, como foi dito anteriormente, a A*ufklärung* é caracterizada pela compulsiva negação de tudo aquilo que se apresenta como sendo mítico, ou como sendo outro. Nesse processo, processo esclarecedor, até o sujeito transcendental, que, como vimos anteriormente, representa um elemento fundamental na idéia de autoconservação, é suprimido como a última reminiscência da subjetividade e é substituído pelos mecanismos de controle. Os indivíduos alienados têm que se formar no corpo e na alma segundo a aparelhagem técnica.

A pena que os sujeitos esclarecidos pagam pela violência dirigida contra si mesmos é a seguinte: o progresso técnico, durante o qual o sujeito passou por um processo de coisificação após a total eliminação de sua consciência, está, de fato, livre da diversidade de sentidos do pensamento mítico, mas também de toda significação em geral, pois a razão tornou-se mais um aparelho administrador da aparelhagem econômica que tudo engloba: "ela é usada como um instrumento universal servindo para a fabricação de todos os demais instrumentos" (Ibidem, p. 42).

Para a civilização, a vida em seu estado natural puro (a vida propriamente animal e vegetativa) era encarada como perigo absoluto. Os comportamentos mimético, mítico e metafísico foram, um após outro, considerados como etapas já superadas, de modo que a idéia de a eles retornar estava fundamentalmente associada ao pavor incontido de retornar à mera natureza da qual havia se alienado com esforço hercúleo (ou odisséico) – esse caráter de esforço inigualável aplicado no processo de emancipação é que justamente infunde medo, pois a lembrança dos tempos idos em que podemos citar tanto o nomadismo quanto os estados pré-patriarcais, foram extirpados da consciência dos homens sob as penas mais terríveis: "o espírito esclarecido substituiu a roda e o fogo pelo estigma que produziu em toda irracionalidade, já que esta leva à ruína" (Ibidem, p. 42)

De acordo com Adorno e Horkheimer, se o ideal burguês não visa a natureza amorfa, mas a virtude do meio, os pares de oposição como a promiscuidade e a ascese, a abundância e a fome, tornam-se idênticos na medida em que se apresentam como potências da dissolução do ideal de autoconservação. Ao tornar a vida condicionada a cumprir as exigências de *sua* conservação, a minoria que sob seu jugo traz o poder garante a perpetuação do todo:

> pela dominação, o trabalho humano tendeu a se afastar do mito, voltando a cair sob seu influxo, levado pela mesma dominação." (Ibidem, p. 43).

Essas palavras de Adorno e Horkheimer nos levam precisamente ao núcleo da dialética do esclarecimento, na medida em que percebemos que no próprio mito existe o impulso de dominação da natureza e do trabalho humano, e que o esclarecimento, que se fez duro o suficiente para destruir os mitos, a ele retorna. Neste momento, é necessário compreendermos a análise realizada por Adorno e Horkheimer do canto doze da *Odisséia*, de Homero, a fim de nos situarmos melhor na discussão a respeito do entrelaçamento entre mito, dominação e trabalho.

Como dito anteriormente, a cada vez que a civilização realiza o processo de negação violenta dos mitos, o medo do desconhecido natural gera a necessidade de dominação da natureza. E, a partir disso, podemos dizer que a dominação da natureza se tornou a finalidade, o *telos* da própria existência. No entanto, como dizem os autores, o trabalho humano, que tende pela dominação a se afastar do mito, volta a ele levado pela mesma dominação. Na *Dialética do Esclarecimento*, vemos exposta a idéia de que há um entrelaçamento entre mito, dominação e trabalho, e a idéia de que esse entrelaçamento encontra-se já registrado em uma das narrativas de Homero – a *Odisséia*.

O canto doze dessa obra relata o encontro de Ulisses com as sereias. De acordo com os autores, a sedução por elas exercida é a de se deixar perder no que se foi, no que passou, ou seja, no estado de natureza, na própria volta a esse estado pelo prazer, pois o que elas prometem é, sobremaneira, prazer sexual e a perda da unidade do casco da nau subjetiva nas rochas pontiagudas desse prazer – não podemos perder de vista que o prazer, para a civilização que se constrói sobre a sua negação, representa a dissolução da subjetividade. Ulisses, como a civilização, emancipara-se com o sofrimento; ele, precisamente nos perigos mortais pelos quais teve que passar no confronto com a natureza, deu gradativamente espaço e consistência à unidade de sua própria vida e à sua identidade de pessoa. É curioso, porque só se confrontando com a Natureza, entregando-se a ela, o herói consegue dar espaço para a construção da sua identidade.

Um dos elementos importantes para compreendermos a constante tentativa de negação dos mitos na própria epopéia é a concepção de tempo

podemos afirmar que a substitutibilidade é a medida da dominação e o mais poderoso é aquele que se faz substituir na maior parte das atividades, que isso representa um veículo de regressão, pois estar excluído do trabalho significa mutilação, tanto dos desempregados quanto dos chefes:

> "Ulisses é substituído no trabalho. Assim não pode ceder à tentação de se abandonar, assim também acaba por renunciar enquanto proprietário a participar do trabalho e, por fim, até mesmo a dirigi-lo, enquanto os companheiros, apesar de toda a proximidade às coisas, não podem desfrutar do trabalho, pois este se efetua sob coação, com os sentidos fechados à força. O servo permanece subjugado no corpo e na alma, o senhor regride." (Ibidem, p. 46)

Nenhuma dominação em toda a história conseguiu escapar a isso, ao fato de que, quanto mais se avança no que diz respeito às formas de dominação, regride-se a estágios antropologicamente mais primitivos, pois a "persistência da dominação determina, com a facilitação técnica da existência, a fixação do instinto através de uma repressão mais forte" (Ibidem, p. 46), em que a fantasia atrofia-se, num movimento curioso que mostra os atrasados não como inverdade (visto que o avanço da dominação é também regressão: o único que "progride" é a própria dominação).

Senhor e servo regridem, "a maldição do progresso irrefreável é a irrefreável regressão" (Idem), e isto se percebe até mesmo na divisão entre sentidos e intelecto, na medida em que este se separa daquele para submetê-lo, pois esta separação acaba por prejudicar a ambos. Quando o pensamento se limita à organização e à administração, desde Ulisses aos diretores-gerais das empresas multinacionais, inclui também aquela limitação que a eles se apresenta, tão logo não se trate mais da manipulação dos pequenos; o espírito se torna, agora, de fato, o aparelho da dominação e do autodomínio, como havia suposto a filosofia burguesa. No entanto, "os ouvidos moucos, que é o que sobrou aos dóceis proletários, desde os tempos míticos, não superam em nada a imobilidade do senhor." (Ibidem, p. 47)

Nesse sentido, quanto mais sofisticada for a maneira utilizada (social, econômica e cientificamente falando) para dominar o corpo, mais pobres serão as experiências por ele vividas. Aquele comentário do início do texto de que o esclarecimento precisa de uma natureza sem qualidades é agora transportado do mundo da ciência para o da experiência dos povos e

afundando numa nova espécie de barbárie." (Adorno, T. W. Horkheimer, M. 1985, p. 11).

[2] Quando Telêmaco procura Menelau para pedir notícias de seu pai, este realizaria, tal como um Aedo, um trabalho de rememoração e narração. Contando o episódio no qual os Aqueus se esconderam no cavalo de madeira, o único a resistir às palavras de Helena, que imitava a voz de suas esposas em um apelo sexual, o único com o coração duro o suficiente para resistir-lhe é Ulisses.

[3] A jornada de retorno ao lar de Ulisses se inicia com a saída da ilha de Calipso. Essa ilha, a ilha de Ogígia, representa para o herói uma época em que todos os seus desejos eram saciados sem a necessidade do trabalho. Quando ele opta por retornar à Ítaca, está também disposto a enfrentar a obrigação do trabalho enquanto manutenção da sua existência, e a possibilidade de dominação do trabalho alheio, como visto no canto doze.

[4] Circe é a deusa do retorno ao estado de animalidade, que se encontra, de acordo com o relato de Homero, na ilha de Eéia. Ela representa a regressão, na medida em que pode oferecer aos homens o prazer do esquecimento – esquecimento do objetivo da jornada pelo Mediterrâneo em direção a Ítaca.

[5] Devemos assinalar novamente a célebre afirmação que está presente em "O Conceito de Esclarecimento": "o que os homens querem aprender da natureza é como empregá-la para dominar completamente a ela e aos homens" (Adorno, T. W. Horkheimer, M. 1985, p. 22).